

GÉNERO,  
NACIONALIDADE  
E RECLUSÃO

*Género, nacionalidade e reclusão*  
*Olhares cruzados sobre migrações e reclusão feminina em Portugal*

COORDENAÇÃO DE RAQUEL MATOS

© Universidade Católica Editora . Porto  
Rua Diogo Botelho, 1327 | 4169-005 Porto | Portugal  
+ 351 22 6196200 | uce@porto.ucp.pt  
www.porto.ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt

*Coleção* · Atas  
*Coordenação gráfica da coleção* · Olinda Martins  
*Capa* · Olinda Martins  
*Paginação e revisão de texto* · Mário Azevedo

Data da edição · julho 2014  
Tiragem · 500 exemplares  
Execução Gráfica · Papelmunde, lda  
Papel · Reciclado branco  
Tipografia da capa · Prelo Sans Medium / Prelo Sans Bold  
ISBN · 978-989-8366-61-0  
Depósito legal ·

# GÉNERO, NACIONALIDADE E RECLUSÃO

Olhares cruzados sobre migrações  
e reclusão feminina em Portugal

**Coordenação de Raquel Matos**

Introdução	11
<i>Raquel Matos</i>	
Nas fronteiras da liberdade: migração e tráfico de seres humanos	17
<i>Dulce Couto</i>	
Género e trajetórias de violência: o tráfico sexual de mulheres e a violência doméstica sobre mulheres migrantes	41
<i>Madalena Duarte</i>	
Famílias brasileiras em Portugal: um retrato parcial	67
<i>Isabel Ferin Cunha</i>	
Percursos de integração de refugiados em Portugal	99
<i>Mafalda Silva &amp; Mariana Barbosa</i>	
Quatro em Linha – um jogo de exclusão: imigração, nacionalidade, cidadania e crime violento	125
<i>Maria João Guia</i>	
Categorias de diferença, crime e reclusão: glossários, estatísticas e experiências	161
<i>Manuela Ivone Cunha</i>	
Aritmética breve em torno dos reclusos estrangeiros	181
<i>J J Semedo Moreira</i>	
Notas biográficas	209

INTRODUÇÃO

**Raquel Matos**

A obra *Género, nacionalidade e reclusão* nasce de um encontro científico com o mesmo nome<sup>1</sup>, organizado no âmbito do projeto de investigação Trajetórias de Vida de Reclusas de Nacionalidade Estrangeira nas Prisões Portuguesas, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pela Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género<sup>2</sup>. A história desta obra é a história desse encontro. E a história do encontro começa com o desenhar de um projeto de investigação depois de um processo de doutoramento, orientado pela Professora Carla Machado, sobre percursos de vida, significações do crime e construção da identidade em jovens reclusas. Essa primeira investigação, descrita na obra *Vidas raras de mulheres comuns*<sup>3</sup>, mostrou-nos que nas vidas das mulheres em situação de reclusão tende a haver episódios de violência, muitas vezes associados a circunstâncias de género. Ficámos, assim, convencidas quanto à pertinência do aprofundar desta problemática. E se até então a prisão era para nós, e atendendo aos objetivos do estudo, “apenas” o contexto onde estão mulheres que transgridem a lei, percebemos a partir da análise das trajetórias de vida das jovens reclusas, que uma compreensão deste contexto nos permitiria dar contributos relevantes para a investigação e a intervenção sobretudo da psicologia, mas também de outras áreas científicas. Trata-se de contributos que podem melhorar a vivência prisional das mulheres, jovens ou adultas, ou mesmo potenciar uma vivência pós-prisional mais adaptativa.

---

1 I Encontro “Género, Nacionalidade e Reclusão”, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 3 de dezembro de 2010.

2 Referência do projeto: PIHM/VG/0036/2008.

3 Matos, R. (2008). *Vidas raras de mulheres comuns: percursos de vida, significação do crime e construção da identidade em jovens reclusas*. Coimbra: Almedina.

Ao terminar esse estudo, em 2006, constatámos uma acentuada diminuição do número de mulheres reclusas, em paralelo com um aumento considerável da proporção de reclusas de nacionalidade estrangeira, nas prisões portuguesas. A constatação destes fluxos, que são analisados neste livro no capítulo da autoria de J J Semedo Moreira, conduziram ao traçar de novos objetivos de investigação: analisar as trajetórias de vida das reclusas estrangeiras nas prisões portuguesas, olhando em particular para o facto de serem estrangeiras e de serem mulheres. A preocupação era também a de não reforçar estereótipos ou contribuir para acentuar a ideia de uma eventual relação entre imigração e crime, mas, pelo contrário, desconstruir esse argumento e estereótipos associados. Partimos assim de um triplo critério: mulheres, em situação de reclusão, e de nacionalidade estrangeira, procurando desde logo perceber qual a sua ligação a Portugal (são residentes cá ou não? Estão em situação regular ou irregular?). Ficou planeado o desenvolvimento de dois estudos distintos embora complementares: um primeiro, a desenvolver ao longo do ano inaugural do projeto, de caracterização sociodemográfica, jurídica e penal das mulheres reclusas, a partir da recolha de dados constantes nos seus processos; e um segundo estudo, de natureza qualitativa, em que a partir de entrevistas aprofundadas a mulheres de nacionalidade estrangeira nas nossas prisões, procurásemos compreender as suas trajetórias de vida, olhando particularmente para questões como a imigração, a violência de género, ou a emergência e manutenção do crime.

A história do I Encontro “Gênero, Nacionalidade e Reclusão” surge na passagem do primeiro para o segundo estudo. Estando planeado um encontro científico apenas no final do projeto, sentimos necessidade de fazer uma pequena reunião com especialistas em dimensões fundamentais para a compreensão dos nossos próprios resultados (género, migrações, reclusão). Se afinal de contas já sabíamos algumas coisas sobre mulheres, crime e reclusão, menos sabíamos sobre imigração, sobre o modo como a imigração tende a ser associada ao crime ou sobre a reclusão de cidadãos estrangeiros. Mais do que isso, sabíamos que havia especialistas, investigadores e instituições que atuam nestes domínios, porque tivemos de aceder aos seus contributos para desenvolver o projeto. Decidimos então convidar esses especialistas, com um objetivo

muito claro: ouvi-los falar sobre os tópicos que dominam, mostrar-lhes os resultados do primeiro estudo e o planeamento para o estudo seguinte, e ouvir os seus comentários sobre este nosso trabalho. Ao amadurecer esta ideia, pareceu-nos que poderia valer a pena abrir a sessão a um público que pudesse estar interessado nestas questões. E já agora seria importante formalizar o pedido de parceria à então Direção Geral dos Serviços Prisionais, à Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, ao Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural<sup>4</sup>. E assim uma pequena reunião se transformou num encontro científico, com comunicações de elevada qualidade e pertinência, que nos deu uma visão integrada das problemáticas de género, nacionalidade (migrações) e reclusão.

Este livro organiza-se tal como o encontro decorreu. Procura-se que em todos os capítulos se integrem os três conceitos-chave em debate (género, nacionalidade e reclusão), embora um desses conceitos assumisse sempre maior protagonismo. Os primeiros contributos centram-se no género, enfatizando trajetórias de vida marcadas por experiências de violência associadas à condição de ser mulher. Os capítulos da autoria, respetivamente, de Dulce Couto e de Madalena Duarte centram-se no tráfico de seres humanos. Trata-se de uma problemática centrada em percursos de mulheres cuja maior vulnerabilidade parece estar associada a discursos tradicionais e estereotipados de género. Nestes capítulos o género está, obviamente, muito presente, mas também estão presentes questões ligadas às migrações, à transgressão da lei e a diversas formas de reclusão.

Numa segunda etapa do livro, são-nos apresentados capítulos que focam com maior destaque questões de nacionalidade ou de migrações. No texto de Isabel Ferin Cunha, é discutida a integração de famílias brasileiras em Portugal, a partir de um estudo empírico realizado com oito famílias. Esta discussão, embora mais distante de dimensões como a transgressão da lei ou a reclusão, possibilita uma visão simultaneamente ampla e aprofundada de um dos principais grupos de imigração em Portugal. Segue-se um capítulo de Mafalda Silva e Mariana Barbosa

---

<sup>4</sup> A todas as instituições referidas, expresse o meu sincero agradecimento. A sua parceria revelou-se imprescindível para a recolha de dados de investigação e para darmos sentido aos resultados do projeto de investigação que desenvolvemos.

sobre percursos de integração de refugiados em Portugal. A partir deste texto, a problemática dos refugiados, de que são raras as perspetivas nomeadamente da psicologia, é enquadrada nacional e internacionalmente em termos legais e de direitos humanos. Neste capítulo discute-se, a partir da análise de três histórias de asilo em Portugal, uma dimensão menos estudada do que não deixam de ser movimentos de cidadãos de nacionalidade estrangeira, em circunstâncias de grande adversidade e necessidade de apoio. Finalmente, é apresentado um capítulo da autoria de Maria João Guia, que a partir de dados empíricos procura desconstruir a associação entre imigração e criminalidade violenta.

Os últimos capítulos centram-se na reclusão de cidadãos estrangeiros em Portugal. O texto de Manuela Ivone Cunha, autora de diversos estudos sobre reclusão feminina, apresenta-nos o que a mesma designa de “glossários, estatísticas e experiências” sobre a “diferença”, o crime e a reclusão. Segue-se um capítulo, de J J Semedo Moreira, em que é traçada uma breve história da evolução da população reclusa estrangeira em Portugal.

Ao longo desta obra e dos diversos capítulos que a compõem, vão sendo integradas as dimensões que lhe dão nome (género, nacionalidade e reclusão). Mas a integração plena é alcançada a partir da leitura global do livro. Se considerarmos a obra como um todo, estamos perante o que nos parece ser um contributo inovador, com textos teóricos e empíricos de autores com trabalho de investigação e de intervenção com mulheres, cidadãos/ãs estrangeiros/as ou reclusos/as. Outros contributos se afigurariam também importantes, mas na impossibilidade de num único livro os contemplar, pensamos que *Género, nacionalidade e reclusão* será relevante quer para aqueles a quem interesse apenas um destes temas, quer para aqueles que os pretendam analisar em conjunto.

Raquel Matos  
Porto, dezembro de 2013